

FORMAÇÃO DE IDENTIDADE E CULTURA NACIONAL NAS QUESTÕES DE LITERATURA

Aluska Silva. Bolsista Reuni UFCG.
aluska.silva@yahoo.com

Josilene Pinheiro Mariz. (Orientadora, UFCG)

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) tinha como objetivo inicial avaliar o desempenho dos alunos ao fim da Educação Básica. Posteriormente, foi utilizado como forma de ingresso dos candidatos em universidades privadas através do programa Universidade para Todos, o PROUNI. Atualmente, o Ministério da Educação (MEC), estimula as universidades federais a utilizarem o ENEM como forma única de ingresso nos cursos de graduação. A justificativa fornecida pelo MEC é de que a proposta tem como principais objetivos democratizar as oportunidades de acesso às vagas federais de ensino superior, possibilitar a mobilidade acadêmica e induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio.

Tal instrumento de avaliação ganhou destaque em nível nacional, uma vez que é realizada uma única prova para todo o Brasil. A proposta reformulada da prova, publicada em 2009, tem como objetivo abordar a interdisciplinaridade, as questões são agrupadas por áreas afins, a saber: *Linguagem, códigos e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da natureza e suas tecnologias e; Ciências humanas e suas tecnologias.*

Com a chegada dessa forma de avaliação para o ingresso nas universidades, chega também, uma série de modificações, tanto relacionadas a políticas educacionais quanto aos métodos de ensino, uma vez que, a modificação na formulação das questões exigirá do professor, em tese, um conhecimento dos tipos de questões deste novo concurso, bem como uma reformulação do material didático que será fornecido aos alunos, de forma a aliar o saber da disciplina ao exame que será prestado pelos alunos.

Partindo do pressuposto de que o ensino se adéqua à forma de avaliação, sobretudo na fase de nível médio, e que o ENEM surge como um “gigante desconhecido” tanto para alunos quanto para professores, pretendemos, através dessa pesquisa.

No decorrer da pesquisa, observou-se, na análise das questões e da matriz de referência do ENEM, que se delineava uma nova forma de abordagem para o texto literário que se diferenciava da abordagem tida como “tradicional” da literatura. Nessa nova abordagem, aspectos como forma estética e escola literária, por exemplo, dão espaço a utilização do texto literário, nas suas mais variadas manifestações, para discutir questões de identidade e de cultura nacional.

Essa proposta foi sugerida pela Matriz de Referência para o ENEM de 2009 e ainda serve de documento norteador até as provas atuais – em um corpus de 2009 a 2011. Observamos que a efetivação dessa nova abordagem ocorreu de modo mais sistemático na prova de 2011. Pretendemos analisar, a partir da Matriz de Referência, como esses conceitos de cultura nacional e de identidade são solicitados através dos eixos de competências e habilidades requeridos para realização da prova. Em um segundo

momento, observaremos como os conceitos foram aplicados às questões do ENEM no ano de 2011. Intentamos com isso, responder as seguintes questões:

- 1) Considerando a diversidade de culturas e identidades de um país continental, como as competências e habilidades requeridas para o ENEM estão contemplando essas diversidades?
- 2) Se a literatura é uma forma de expressão de uma cultura nacional (HALL, 2006), como o ENEM está trabalhando essa ferramenta de acesso à cultura?

A perspectiva metodológica adotada pelo exame é baseada em áreas de conhecimento, conforme discutido no capítulo 2.2, de forma que as questões de literatura estão contidas na área *Linguagens, códigos e suas tecnologias*, podendo também ser abordadas em qualquer outra área do conhecimento.

Ao observar as competências contidas nas áreas do conhecimento, localizamos os conceitos de identidade e cultura nacional presentes em duas áreas, a saber: Linguagens, códigos e suas tecnologias e Ciências Humanas e suas tecnologias – nessa última, identificamos que esses conceitos são elementos constitutivos da competência 1, abaixo descrita:

Competência de área 1 - Compreender os elementos culturais que constituem as identidades

H1 - Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

H2 - Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.

H3 - Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos.

H4 - Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

H5 - Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

A compreensão dos elementos culturais formadores de identidades, ocupa papel de destaque para a competência, o que é considerado positivo, em relação à valorização da cultura nacional em comparação com outras sociedades, e, sobretudo, com suas multiculturas presentes na própria sociedade. Um elemento de confluência de interdisciplinas, conforme será apresentado no tópico de análise das questões é que, a literatura constitui uma importante fonte de significações, de culturas e identidades e o exame já está sendo sensível a esse fato, unindo essas duas realidades nas questões.

Na seção dedicada às competências e habilidades da área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias, as competências das áreas 4, 5, 6 e 8 apresentam elementos que, quando não colocados de forma direta, nos levam a identificar a presença desses formadores de identidade e cultura nacional.

A presença da literatura é pertinente em diversas áreas do exame, e, estando presente nas competências e habilidades supracitadas, é possível realizar um trabalho de consolidação da literatura como instrumento de expressão da cultura nacional e fonte de

diálogo com outras culturas no processo intercultural, sem, contudo, negligenciar aspectos que são a ela inerentes.

Os elementos constitutivos da cultura e da identidade estão presentes em todas as habilidades desta competência, estando a nosso ver o texto literário no cerne dessas discussões, partindo do pressuposto de que a literatura é tomada como fonte documental do estudo das micro histórias, como uma retomada cultural e memorial das sociedades. Um exemplo dessa apropriação está na obra *O queijo e os vermes* de Carlo Ginzburg que retrata a história de um moleiro, Domenico, perseguido na época da inquisição. A literatura é base para o entendimento da história do oprimido, do “sem voz”, pois, a partir do que é periférico, privado, toma-se conhecimento do que foi negado ao esquecimento pelas descrições históricas.

Nesta obra, Ginzburg (1986) abandonou o conceito de mentalidades e adotou o de cultura, definindo-a como “o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamentos próprios das classes subalternas num certo período histórico”. Esta definição é usada para recuperar o conflito de classes em uma dimensão sociocultural, deixando-se entrever no campo das discussões teóricas aquilo que o historiador chamou de circularidade cultural, opondo-se ao paradigma cultura popular X cultura erudita. (GINZBURG, 1986, p. 16 *apud* ROSA, 2007, p.07)

Literatura, identidade e cultura nacional: aproximações

De acordo com os limites colocados na discussão anterior, na qual a literatura tem espaço cativo nas relações de cultura e identidade, procuraremos evidenciar essa noção de pertencimento nas questões do ENEM 2011, mas antes, apontaremos o que estamos entendendo como “identidade” e “cultura nacional”.

A sociedade moderna vive atualmente um momento de tensão do ponto de vista definição identitária. Os sujeitos que compuseram as sociedades até o final do século XIX eram tidos como centrados, unificados, mas, posteriormente, foram alvo de grandes transformações, com as duas grandes guerras mundiais e o efeito da globalização eles passam a ser multifacetados, variáveis, móveis. (HALL, 2006). Considerando que os sujeitos compõem as sociedades, estas também iniciam um processo de revisão de valores e de sua própria cultura nacional.

Hall (op. cit), apresenta três concepções de identidade, desde o Iluminismo, até o que ele considera como pós moderno. O *sujeito iluminista* é tido como centrado, unificado. Quando se pensa em sujeito do Iluminismo remetemos à figura masculina, posto que a mulher ainda não tinha vez nem voz na sociedade. A “essência”¹ desse

¹ Estamos entendendo “essência” como: A natureza própria de uma coisa; conjunto de suas características constitutivas. essência é o ser próprio ou verdadeiro das coisas, que produz, sustenta e torna inteligível a forma aparente das mesmas. Propriedades opostas diferenciam entre si os dois domínios. Enquanto a forma aparente está sujeita à individualização, à mudança e, portanto, à ausência de necessidade, a essência aparece como algo superior à individualização, algo permanente e necessário. Disponível em: <<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/lexico/entry.php?entryID=665>> acesso em: 18 de maio de 2012.

sujeito era praticamente imutável, permanecendo durante toda sua vida. O sujeito sociológico, por sua vez, começava a perceber que sua “essência” era constituída na e pela sociedade, distanciando-se da autossuficiência e individualidade vistas no sujeito iluminista. Alguns estudiosos apresentam a concepção interativa da identidade do eu. Essa concepção diz que a identidade é formada a partir da interação entre o eu e a sociedade. Acredita-se que há um “eu-real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem.” (HALL, 2006, p. 11). Por fim, temos o sujeito pós moderno, que não apresenta mais um “eu” estável, nem mesmo apresenta “essência” coerente ou unificada. Os processos de identificação através dos quais os sujeitos projetavam suas identidades culturais, tornaram-se:

provisórios, variáveis e problemáticos. [...] Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, *ibid*, p. 12-13)

Com esse processo de modificação interior provocadas nesses atores sociais, a forma de conceber o mundo, valores e crenças foram paulatinamente modificadas. A noção de identidade foi tornando-se cada vez mais subjetiva, “líquida”, nas palavras de Baumam (2004). Com essa liquidez de valores identitários, a cultura também foi sendo transformada, visto que ela é uma das principais fontes de identidade nacional. (HALL, 2006).

A valorização da cultura nacional em uma sociedade faz com que ela se “molde” e ganhe espaço no cenário mundial. Eventos como a industrialização e a globalização fizeram com que muitos aspectos constitutivos de uma cultura nacional se perdessem, dando espaço a generalizações de nações potentes economicamente. Processo já evidenciado no nosso país desde a era colonial – nas relações de poder, sempre perde o lado mais forte.

Com essa globalização e diminuição de sentimentos identitários de uma nação, criou-se mecanismos de resgate dessas experiências como forma de perpetuação das heranças culturais de um povo. É nesse ínterim que surgem os mitos, as comunidades imaginadas e a tradição. Hall (2006) nos apresenta que a narrativa da cultura nacional é contada e perpetuada através da literatura nacional, da mídia e da cultura popular, simbolizando e representando experiências partilhadas, de perdas e triunfos que dão sentido a nação.

[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (HALL, 2006, p. 59)

Como a literatura pode ser um meio de resgate e de narração da cultura nacional? Ora se a literatura não representa nada mais do que o estado de espírito do ser humano, captando essências, indo ao mais fundo da experiência humana, ela pode ser uma interessante opção para perpetuar os modos e costumes de uma sociedade. Não queremos com isto dizer ou utilizar a literatura como pretexto para estudar costumes e sociedades, pois acreditamos que ela deve ser entendida em sua completude.

Esta é uma objetivos deste trabalho, uma vez que existe um exame em que solicita ao candidato que veja a literatura como meio de compreensão de valores sociais

e, ao mesmo tempo, entenda sua estrutura, suas especificidades de concepção, entendemos que as questões não devam apresentar ora uma ora outra competência, mas que mostre conjuntamente a força literária na humanização e na valorização do ser humano em toda a sua complexidade. Entendendo que o exame propõe a indissociabilidade das disciplinas (áreas do saber), esse movimento associativo far-se-á possível.

Antonio Cândido (2006) em sua obra *Literatura e Sociedade* nos apresenta a importância da literatura na formação do homem e da sociedade, considerando-a como bem cultural. Ele distingue a obra – fruto da percepção e sensibilidade de um autor, e a literatura entendendo como coletivo, fruto de afinidades.

Entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. [...] Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal [...] enquanto não houver um sistema de valores que enferme a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo. (CANDIDO, 2006, p. 147)

A literatura está em ligação direta com o homem e com a sociedade, pois ela tem o poder de socializar e humanizar porque ela necessita de leitores, que, ao ler um texto literário esse leitor o carregará consigo podendo modificar valores, sensibilizar – fazendo com que a interação da obra com o leitor ressoe e se preserve com bem cultural.

Analisando as questões

Apresentaremos ora adiante, algumas questões do ENEM 2011 e observaremos como esses conceitos de cultura nacional e de identidade estão sendo contemplados na prova. Intentamos observar os procedimentos de construção das questões, analisando a correlação com as alternativas propostas. Metodologicamente, temos a questão que já apresenta o gabarito na própria alternativa circulada com a cor verde, e em seguida, teceremos alguns comentários relativos à questão proposta.

negativo para o aluno que realiza o exame. Por sua pouca experiência em análise literária, o desconhecimento do autor e da obra pode gerar dificuldades no momento de sua resolução ou o nível de elaboração da questão pode cair consideravelmente.

O aspecto requerido ao candidato é a observação da atualidade da questão. Considerando a literatura como meio de renovação e perpetuação de valores, aspectos que foram criticados há anos ou até mesmo séculos atrás possuem uma atualidade que é preservada pela literatura. Como colocado na questão, a alternativa correta é a letra “A”, onde lemos que a atualização do texto está na ironia apresentada em relação ao enriquecimento duvidoso de alguns. A falta de outras alternativas que sejam mais óbvias ou que gerem dúvidas nem sequer existem nessa questão. Se formos analisar as outras opções veremos que elas se autoexcluem.

Na alternativa A, o candidato teria que saber como ocorre o processo de ironia, de forma subjetiva, pois a alternativa não apresenta uma opção que evidencie em algum verso esse recurso por exemplo. A atualidade da questão ocorrerá então se o candidato realizar uma ponte a partir dos versos “Sem ter nenhuma herança ou parente” (3º verso da 1ª estrofe) e “O seu dinheiro nasce de repente” (1º verso da 3ª estrofe) com o que acontece com os “novos ricos” ou “novo emergentes” que muitas vezes através de operações escusas ganham poderes e status na sociedade através do dinheiro que misteriosamente passa a ter. Por inferência cognitiva o candidato excluirá as demais alternativas, pois o fato de questionar ricos que possuem jóias, mas não tem herança da maldade em perguntar-se pela honestidade ou privilégio de clamar pela honestidade e promover eventos beneficentes no plano mais geral da questão não satisfaria ao que foi solicitado. Destacamos que ainda descartando as outras alternativas, não consideramos a melhor escolha a que nos é dada como correta.

Do ponto de vista da elaboração da questão vimos que diversos fatores que poderiam contribuir para o seu enriquecimento é negligenciado para dar lugar à obviedade. A questão é de mera interpretação textual e ainda realizada de forma muito elementar. Fatores como a musicalidade presente, a estrutura poética que auxilia na composição da canção, ou figuras de linguagem presentes, por exemplo, a personificação da vassoura como representação do homem que surge de forma obscura na sociedade, seriam opções que incrementariam a questão abordando o mesmo objeto literário. A literatura como patrimônio cultural foi mero pretexto para trabalhar a interpretação da canção e fazer com que o candidato reconhecesse o recurso da ironia.

A próxima questão que vamos apresentar também é do compositor Noel Rosa. É importante destacarmos a evidência que determinados nomes obtiveram recorrência na prova de 2011. Textos de Noel Rosa e Gilka Machado foram objeto de duas questões para cada um, ambos na prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Analisando todas as áreas encontramos referências aos autores: uma questão de Lima Barreto (Ciências Humanas e suas Tecnologias); Toquinho e Vinícius de Moraes (Ciências da Natureza e suas Tecnologias). João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Aluizio de Azevedo e Geraldo Vandré todos com uma questão na prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Observemos a questão:

QUESTÃO 104 ●●●●●●●●●●●●●●●●●●

Não tem tradução

[...]

Lá no morro, se eu fizer uma falseta
A Risoleta desiste logo do francês e do inglês
A gíria que o nosso morro criou
Bem cedo a cidade aceitou e usou

[...]

Essa gente hoje em dia que tem mania de exibição
Não entende que o samba não tem tradução no idioma francês
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
Com voz macia é brasileiro, já passou de português
Amor lá no morro é amor pra chuchu
As rimas do samba não são / *love you*
E esse negócio de *alô, alô boy e alô Johnny*
Só pode ser conversa de telefone

ROSA, N. In: SOBRAL, João J. V. A tradução dos bambas. *Revista Língua Portuguesa*.
Ano 4, nº 54. São Paulo: Segmento, abr. 2010 (fragmento).

As canções de Noel Rosa, compositor brasileiro de Vila Isabel, apesar de revelarem uma aguçada preocupação do artista com seu tempo e com as mudanças político-culturais no Brasil, no início dos anos 1920, ainda são modernas. Nesse fragmento do samba *Não tem tradução*, por meio do recurso da metalinguagem, o poeta propõe

- A** incorporar novos costumes de origem francesa e americana, juntamente com vocábulos estrangeiros.
- B** respeitar e preservar o português padrão como forma de fortalecimento do idioma do Brasil.
- C** valorizar a fala popular brasileira como patrimônio linguístico e forma legítima de identidade nacional.
- D** mudar os valores sociais vigentes à época, com o advento do novo e quente ritmo da música popular brasileira.
- E** ironizar a malandragem carioca, aculturada pela invasão de valores étnicos de sociedades mais desenvolvidas.

A questão acima apresenta vários problemas de formulação. Partamos da assertiva onde lemos que “As canções de Noel Rosa (...) apesar de revelarem uma aguçada preocupação do artista com seu tempo e com as mudanças político-culturais no Brasil no início dos anos 1920 ainda são modernas.”. Fazer tal afirmação é perigosa e

apresenta inconsistência na informação. As canções de Rosa não se prestavam a revelar preocupação com a política e a cultura brasileira nos anos 1920. De acordo com Luiz Tatit (1996, p. 31), “Noel nunca se preocupou com temas perenes ou que tivessem, porventura, interesse para a comunidade. Sua visão de mundo e seus conteúdos retratados eram sempre de cunho eminentemente pessoal.”. Estamos considerando a visão de um autor que estudou e produziu sobre vários nomes da música popular brasileira, de forma que sua fala sobre a produção de Noel Rosa deve ser levada em consideração antes de generalizar, “engessando” que todas as canções se prestam a tal atividade.

Mesmo considerando como verdadeira a afirmação, percorramos o caminho de análise da questão. Observamos que se pede ao candidato que, através do recurso da metalinguagem, identifique o que o poeta propõe pelo fragmento apresentado. Sabemos que a metalinguagem é um fenômeno textual no qual a linguagem fala/reflete sobre si mesma. JAKOBSON (1974). Ao partirmos para as alternativas, percebemos que pelo menos, 2 alternativas estariam corretas.

As alternativas A e B seriam excluídas porque não percebemos a valorização da incorporação de valores estrangeiros como se pede. O verso “Não entende que o samba não tem tradução no idioma francês”, e o próprio título “Não tem tradução” já elimina essa possibilidade. Na “B” entendemos que indiretamente, a música pretende respeitar e preservar a língua portuguesa, mas o que exclui é a palavra “padrão”, pois observamos algumas expressões coloquiais no fragmento da canção “Amor lá no morro é amor pra chuchu”.

As alternativas C e D respondem ao que se pede através da metalinguagem. O que canta a música é que o samba deve ser valorizado como patrimônio cultural brasileiro apresentando a “fala” do morro como própria da identidade nacional, desse modo a alternativa C está correta, pois todo o fragmento apresenta essa reflexão: “Tudo aquilo que o malandro pronuncia, / Com voz macia é brasileiro, já passou de português.”, ou seja, nossa fala nos pertence, e tal afirmação é fruto da reflexão da própria fala, da metalinguagem. A alternativa “D” poderia estar correta se considerarmos os versos a seguir: “Essa gente hoje em dia que tem mania de exibição / Não entende que o samba não tem tradução no idioma francês”. O trecho citado continua havendo reflexão metalinguística e apresenta uma tentativa de mudança do padrão estabelecido. O período “Essa gente que hoje em dia tem mania de exibição” pode referendar o que está posto e podemos interpretar com uma tentativa de mudança dos valores sociais vigentes da época que prestigiavam o que era de fora, estrangeiro.

Por fim, a alternativa “E” que poderia estar correta se considerássemos que o autor/compositor ironiza os que utilizam estrangeirismos para falar no morro. Se tomarmos a personagem Risoleta como representante da malandragem e habitante do morro, veremos através do verbo “desiste” reforçado pelo advérbio “logo”, que ela já fazia uso de expressões estrangeiras, dessa forma a alternativa estaria correta tendo em vista que a fala da “malandragem carioca” foi aculturada pela fala de civilizações mais desenvolvidas.

Outro aspecto que gostaríamos de chamar atenção é a confusão apresentada em torno do objeto da questão. O fato de chamar Noel Rosa de poeta acarreta uma discussão acerca do lugar que a canção ocupa dentro da literatura, será ela é poesia? Qual seu valor estético?

Costa (2002) apresenta uma discussão sobre esse limiar da canção enquanto gênero literário ou gênero autônomo. Trazendo à tona a opinião de vários estudiosos do problema como Antonio Cícero, Luiz Tatit, Thiago de Melo, Arnaldo Antunes, entre outros, Costa (*op. cit*) destaca que, em muitos casos, a letra da canção é separada de sua melodia, lida e tratada como poesia podendo ocasionar desvios, pois o texto cantado preenche vazios que uma leitura não alcança, uma vez que se faz uso de recursos melódicos próprios da canção. “Na medida em que a canção é vista como um *dispositivo enunciativo*, é essencial levar em conta elementos relativos à produção, circulação e recepção e registro do gênero.” (COSTA, 2002, p. 120).

Dessa forma, a canção não pode ser tomada exclusiva e indiscriminadamente como poesia, nem o cancionista como poeta. Há especificidades em ambos os textos que se confundidas podem ocasionar equívocos na leitura, sobretudo em uma leitura aos moldes de um teste seletivo como o ENEM que não proporciona um momento de leitura mais detida do texto. A melodia completa o sentido do texto. Concordamos com Costa (2002) que canção e poesia se cruzam em alguns aspectos de sua materialidade e de sua produção. Nossa inquietação reside no fato de que o candidato/aluno não é formado para compreender as similitudes de cada tipo de texto, e acaba por indiferenciar a canção e a poesia, analisando ambos sem considerar as especificidades de cada um. Finalizamos com uma fala de Costa (2002, p. 119) que ilustra o nosso dizer:

Em trabalho ainda não publicado (Costa, 2000), verificamos, ao analisar os PCN e dois livros didáticos de língua portuguesa, que, embora seja salientada a importância pedagógica da canção, trabalha-se com uma imagem da mesma que, na verdade, a reduz a uma poesia de entretenimento, própria de um uso pitoresco da linguagem e que, apenas em alguns casos, pode se alçar ao nível da poesia. A letra, neste caso, é sintomaticamente separada da melodia e lida e tratada como se fosse uma poesia.

Conclu(indo):

Acreditamos que a presente pesquisa ainda é embrionária, do ponto de vista analítico, no entanto, aponta para algumas reflexões emergentes que professores e estudantes de literatura e ensino podem e devem dar continuidade. As questões de literatura no ENEM enquanto formadora de competências e habilidades ainda é o início de um longo caminho de consolidação. Podemos pensar também o que se está entendendo por literatura nas questões, qual o olhar, quais as referências, o que se pede. Se por um lado encontramos as “palavras de ordem” prescritas na matriz de referência para o exame já materializada nas questões, por outro, encontramos alternativas frágeis do ponto de vista analítico, e muitas contestáveis, como apresentado no artigo.

O ENEM possui grande significação, política, ideológica e, sobretudo, educacional, pois é a partir dele, não dos documentos educacionais, que será “ditada” a forma de se ensinar literatura na escola. Preocupar-se com essas questões estão sendo pensadas/efetivadas, e por consequência a literatura, e fundamental para nossa pesquisa e para os rumos que tomarão a literatura na fase final do ensino médio.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Exame Nacional do Ensino Médio**. Prova Azul. 2º dia. 2011.

_____. Ministério da Educação. **Matriz de referência para o ENEM 2009**. Disponível em: <<http://www.enem.inep.gov.br/enem.php>>. Acesso: 20 out. de 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COSTA, Nelson Barros da. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1974. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1568&Itemid=2>, acesso em: 16 de maio de 2012.

ROSA, Helena. História Oral e Micro História: aproximações, limites e possibilidades. **IV Encontro Regional Sul de História Oral - anais eletrônicos - Nº 01 / 2007**. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Helena%20Rosa.pdf>>, acesso em: 16 de maio de 2012.

TATIT, Luiz. **O cancionista**: composição de canções no Brasil. São Paulo:Edusp, 1996.

<<http://www.filoinfo.bemvindo.net/filosofia/modules/lexico/entry.php?entryID=665>> acesso em: 18 de maio de 2012.